

UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE A CONSTITUIÇÃO DE MODO(S) DE SER JOVEM E AS PRÁTICAS DE NUMERAMENTO NA EJA

SCHNEIDER, Sonia Maria* – UFMG – somaria15@gmail.com

GT-18: Educação de Pessoas Jovens e Adultas

Agência Financiadora: CNPq

Introdução

No ano de 1997, na V Conferência de Educação de Adultos, a V Confinteia, a existência maciça de jovens na modalidade designada como educação de adultos foi reconhecida como um aspecto fundamental com o qual as nações, em especial as mais pobres, conviviam há algum tempo. Nessas nações, antes mesmo da V Confinteia, já estava em curso o uso de uma outra designação para essa modalidade que passou, desde então, a ser designada por Educação de *Jovens* e Adultos, a EJA.

No que diz respeito aos espaços educacionais escolares, a presença significativa da juventude aparece como um aspecto que faz parte do cotidiano daqueles que, de diferentes maneiras, atuam na EJA. Andrade (2004:44-45) destaca a contradição entre a estreiteza do espaço escolar em relação às expectativas do público jovem, de um lado, e a presença maciça desse novo personagem nas salas de aula da Educação Básica.

A presente pesquisa de doutorado, em fase intermediária de desenvolvimento, focaliza os jovens, alunos e alunas do ensino fundamental da EJA, compreendendo-os como sujeitos sociais que, como tais, constroem determinados modos de ser. Para isso, quer investigar a constituição desse(s) modo(s) de ser na mobilização de práticas de numeramento instauradas nas e pelas interações ocorridas em situações de ensino e aprendizagem de matemática na escola considerando que essas práticas são constituintes dos (e se constituem nos) modos de ser.

Com efeito, as práticas e as condições de numeramento têm sido consideradas em diversas investigações (tanto de caráter qualitativo quanto em grandes avaliações como INAF¹, PISA², LAMP³) como um indicador social importante relacionado às condições de letramento. Além disso, habilidades e práticas de numeramento têm-se se revelado nos trabalhos de educadores e pesquisadores que se voltam para questões da formação humana e sua relação com os contextos socioculturais de uso e produção de

* Membro do Grupo de Estudos sobre Numeramento - GEN/FAE/UFMG.

¹ Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional

² Programa Internacional de Avaliação de Alunos

³ Literacy Assessment and Monitoring Programme

conhecimento matemático (Knijnik,1996; D'Ambrósio,2001; Fantinato,2004; Powell & Frankenstein,1997; e Bishop, 1988) como constituintes do sujeito.

Juventude(s) e Modo(s) de Ser Jovem: algumas perspectivas

No Brasil, o tema da juventude, segundo SPOSITO (2001:97), praticamente desaparece depois dos trabalhos de FORACCHI (1965, 1972), escritos nas décadas de 60 e 70, época em que as contestações do movimento estudantil e da contracultura juvenil evidenciaram-se e reaparece na década de 80, marcado por duas novas vertentes de análise dos fatos educativos: uma primeira *pode ser traduzida na descoberta do espaço escolar, enquanto modalidade de múltiplas relações, apropriações e redefinições das orientações estatais e das determinações estruturais* (EZPELETA & ROCKWELL, 1985) e uma segunda *diz respeito às orientações que buscaram resgatar o ponto de vista dos sujeitos, pensados a partir de sua capacidade de produzir orientações e ações de natureza coletiva*.

A partir dessas novas perspectivas, a escola, os movimentos e atores coletivos são compreendidos como universos dos quais emergem representações e práticas polissêmicas de produção cultural.

O “ressurgimento”⁴ do tema da juventude no âmbito da educação ampliou a produção de estudos e pesquisas sobre esta temática. Ao realizar uma pesquisa que analisou a produção do conhecimento sobre o tema da juventude⁵, SPOSITO (1997) constatou a inexistência de um consenso entre os pesquisadores em relação aos critérios que utilizaram para definir essa categoria – juventude.

Em sua análise, SPOSITO (1997) considera a relevância das pesquisas empreendidas por PAIS (1990) ao verificar a conformação de, pelo menos, dois grandes grupos nas pesquisas que focalizam a juventude: um grupo representado pelas pesquisas nas quais a juventude é considerada como um conjunto social cuja unidade se faz pelo pertencimento a uma determinada fase da vida, enfatizando o aspecto geracional; outro grupo representado pelas pesquisas nas quais a temática da juventude é intrínseca à vida

⁴ Grifo meu

⁵ Os resultados preliminares da Pesquisa: Juventude e Escolarização que Spósito (1997) apresenta neste artigo examinou a produção de conhecimento sobre o tema juventude analisando o exame de dissertações e teses defendidas nos Programas de Pós-Graduação em Educação, de 1980 a 1995.

social, que, por sua vez, é compreendida a partir de perspectivas amplas e diversificadas, destacando-se aquelas que derivam das diferentes situações de classe.

Dayrell (2003) chama a atenção para as imagens a respeito da juventude que interferem nas maneiras de compreensão dos jovens: a idéia de uma transitoriedade *onde o jovem é um “vir a ser” tendo, no futuro, na passagem para a vida adulta, o sentido das suas ações no presente* (p.41).

Quanto aos modos de ser jovem, Dayrell (2003) sugere que, se por um lado, os jovens constroem modos de ser que apresentam especificidades, isso não implica a consideração de um único modo de ser jovem nas camadas populares: *é nesse sentido que enfatizamos a noção de juventudes, no plural, para enfatizar a diversidade de modos de ser jovem existentes* (p.42).

Práticas de numeramento: práticas sociais

Não há uma definição única e consensual para o termo numeramento, pois há uma diversidade na sua utilização em função das relações diversas que são estabelecidas entre a matemática e o letramento.

O numeramento é compreendido, por alguns, como um conjunto de práticas sociais que envolvem conhecimento, registro, habilidades e modos de pensar conceitos e procedimentos matemáticos, sendo visto, neste caso, como um fenômeno paralelo ao letramento.

Para outros, no entanto, o numeramento é percebido como um conjunto de habilidades, de estratégias, de conhecimentos e procedimentos associados à quantificação, à ordenação, à classificação, à mensuração e à organização do espaço. O numeramento, nesta perspectiva, está intrinsecamente relacionado às demandas de leitura e escrita de uma sociedade regida pela escrita, portanto, o numeramento incluído no fenômeno do letramento.

A íntima relação do numeramento com o letramento, ou por analogia, ou por inclusão, exige que estudos sobre numeramento discutam o(s) conceito(s) de letramento com o(s) qual(is) dialoga(m).

Magda Soares (2001) justifica o surgimento desse novo fenômeno, o letramento, compreendido como *estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita* (p.48), ao compará-lo ao

analfabetismo, compreendido como *o fenômeno do estado ou condição de analfabeto* (p.45).

Buscando compreender as práticas de numeramento como práticas sociais, Baker, Street e Tomlin (2003) fundamentam-se num modelo de significação social para a matemática, para compreender e explicar as diversas correlações e influências entre fatores não escolares na realização e nos resultados do numeramento escolar.

Segundo Baker, Street e Tomlin (2003), as práticas de numeramento escolar atendem a diferentes propósitos ou funções e envolvem diferentes relações sociais e procedimentos. Na escola, os propósitos tendem a ser educacionais e direcionados ao aprendizado de uma nova técnica ou conceito. O conceito de social, segundo os autores, diferencia-se daquele usado em teorias socioculturais de aprendizagem.

Na presente pesquisa, as práticas de numeramento mobilizadas na e pela constituição de modo(s) de ser jovem têm como referência a concepção de numeramento que o incorpora ao letramento, assim, o numeramento concebido como constituinte das práticas de leitura do mundo, e, portanto, não só como o domínio de habilidades matemáticas, como uma tecnologia, mas envolvendo a capacidade de utilização e compreensão dessas habilidades pela e na sua relação com as práticas sociais.

Objetivos e procedimentos metodológicos da investigação proposta

A pesquisa proposta tem como objetivo principal a investigação da constituição de modos de ser jovem na mobilização de práticas de numeramento por alunos da EJA, nas e pelas interações ocorridas em situações de ensino e aprendizagem de matemática na escola. Para isso, é necessário identificar as práticas de numeramento e os aspectos que podem ser considerados como constituintes de modos de ser jovem, e ainda, problematizar a possibilidade de estabelecer relações entre práticas de numeramento e constituição de modos de ser jovem.

Na condução da investigação, a metodologia em desenvolvimento busca flagrar eventos de mobilização de práticas de numeramento nas situações de aprendizagem, não necessariamente nas aulas de Matemática, e também não necessariamente, protagonizados pelos alunos mais jovens, mas considerando sua participação nas interações que constituem essa mobilização ou se constituem nela.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa que utiliza a observação participante. Dessa maneira, os procedimentos metodológicos desenvolvem-se numa escola municipal, onde há o Ensino Fundamental da EJA.

Os sujeitos da pesquisa são alunos e alunas de uma turma do segundo segmento do Ensino Fundamental dessa escola. A turma tem 25 alunos, dos quais, mais da metade é constituída por jovens entre 14 e 24 anos de idade.

Os procedimentos incluem as observações de aulas, tanto de Matemática, quanto de outros componentes curriculares, da turma selecionada. Nessas aulas a participação se faz por diferentes maneiras havendo uma interação entre quem faz a pesquisa e alunos, alunas, professores e professoras da turma observada. Estão previstas, também, entrevistas individuais e coletivas com alunos, alunas e professores da turma, assim como a realização de uma Oficina com essa turma.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Eliane. Os Jovens da EJA e a EJA dos Jovens: In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de & PAIVA, Jane (orgs). *Educação de Jovens e Adultos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

BAKER, Dave; STREET, Brian; TOMLIM, Alison. Mathematics as social: understanding relationships between home and school numeracy practices. *For the learning of mathematics*.v.23, n.3, p. 11-15, nov. 2003.

BISHOP, Alan. *Mathematical Enculturation: a cultural perspective on Mathematics Education*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1988.

CHARLOT, Bernard. *Da relação com o saber: elementos para uma teoria*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

D'AMBRÓSIO, Ubiratan. *Etnomatemática: Elo entre as tradições e a modernidade*. Belo Horizonte: autêntica, 2001.

DAYRELL, Juarez Tarcísio. O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n.24, p.40-52, set. – out./nov.-dez.2003.

EZPELETA, Justa & ROCKWELL, Elsie. *Pesquisa Participante*. São Paulo: Cortez, 1995.

FANTINATO, Maria Cecília de C. B. Contribuições da etnomatemática na educação de jovens e adultos. In: RIBEIRO, José Pedro M., DOMITE, Maria do Carmo Santos &

FERREIRA, Rogério (orgs). *Etnomatemática: papel, valor e significado*. São Paulo: Zouk, 2004.

FORACCHI, Marialice. *O estudante e a transformação da sociedade brasileira*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1965.

KNIJNIK, Gelsa. *Exclusão e Resistência: Educação Matemática e Legitimidade Cultural*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude: alguns contributos. In: *Análise Sociológica*, v.25,p.105-106, 1990.

POWELL, Arthur & FRANKENSTEIN, Marilyn. *Ethnomathematics challenging Eurocentrism in Mathematics Education*. Albany: State University of New York, 1997.

SALEM, Tânia. Filhos do Milagre. *Ciência Hoje*, SBPC, v.5, nº 25, p.30-36, jul.-ago.

SOARES, Magda B. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SPOSITO, Marília Pontes. Estudos sobre Juventude e Escolarização In *Juventude e contemporaneidade*. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 5/6, p.37-52, maio – ago./set.-dez.1997. Edição Especial.

_____.Juventude: crise, identidade e escola. In: Dayrell, Juarez T.(org.). *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.